

A PANDEMIA DE COVID-19 CONTADA POR MULHERES

DARA PEREIRA RODRIGUES¹; RAFAELA SOARES VILLAR²; HELEN CARVALHO GOMES SOARES³; PROF. DRA. CAMILA PEIXOTO FARIAS⁴; PROF. DRA. GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI⁵.

¹*Universidade Federal de Pelotas – dara.rodrigues46@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas –rafaelasvillar@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas –heelensoares@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com*

⁵*Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discorre sobre a pesquisa intitulada "Agora é que são elas: a Pandemia de COVID-19 contada por mulheres", vinculada ao curso de Psicologia da UFPel, voltada às discussões de gênero no contexto de pandemia de COVID-19. A pesquisa investiga as repercussões subjetivas da diversidade de realidades vividas por mulheres brasileiras durante a pandemia de COVID-19. O estudo parte de uma perspectiva interdisciplinar, a partir de uma parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (Pulsional) e o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (Epochè), ambos da UFPel. Conta também com a parceria do Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (Marginália), da UFRJ.

Ao nos propormos a falar sobre mulheres, não pretendemos pensá-las enquanto um grupo homogêneo, pois entendemos a importância de pensar os diversos marcadores sociais que fazem parte das múltiplas realidades dessas mulheres. Sendo assim, articulamos questões que estão imbricadas às existências e à constituição dessas, como raça, classe, orientação sexual, localização geopolítica, faixa etária, etc.

Na situação de pandemia, as mulheres estão mais expostas ao risco de contaminação e às vulnerabilidades sociais decorrentes deste cenário, como desemprego, violência, falta de acesso aos serviços de saúde e aumento da pobreza (ONU, 2020). A ameaça de precariedade inspira ainda mais cuidados em se tratando de países do Sul Global, como o Brasil, reconhecidos por acirradas desigualdades (FEDERICI, 2017). É preciso que as medidas de enfrentamento considerem esse impacto desigual para que não se corra o risco de excluir tais medidas a quem mais tem sofrido seus efeitos: as mulheres, especialmente aquelas que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Logo, torna-se explícito o quanto fundamental é discutir a pandemia a partir de uma perspectiva de gênero, construindo futuras intervenções e enfrentamentos que estejam atentos para as especificidades das mais diversas realidades que abrangem as experiências sociais e subjetivas de ser mulher.

O presente trabalho objetiva apresentar a referida pesquisa, bem como as reflexões que constituem o percurso de construção da mesma. Além disso, visa

evidenciar a importância de pensar a pandemia COVID-19 sob a ótica do recorte de gênero.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se constitui em um trabalho interdisciplinar com base em duas perspectivas teóricas distintas dentro da Psicologia: a Psicanálise e a Fenomenologia. Ambos os campos de pesquisa visam compreender narrativas e subjetividades, não tendo como objetivo a construção de uma pesquisa replicável e produtora de conhecimentos/saberes universais (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006; MOREIRA, 2002). Como dois campos com tradições em análises de narrativas e seus desdobramentos subjetivos, estes aportes têm construído diálogos fecundos ao longo do processo. Tais diálogos terão como alicerce a inscrição social e histórica do psiquismo para discussão dos desdobramentos subjetivos das realidades vividas pelas mulheres nesse momento de pandemia. Portanto, a pesquisa não tem por objetivo alcançar resultados universais e verificáveis, pois visa a construção de uma interpretação possível, entre tantas concebíveis, para as narrativas das participantes. Nessas perspectivas, a figura da pesquisadora não é aquela de distanciamento, mas alguém que entra no corpo a corpo e se transforma ao longo do processo.

HARAWAY (1988) defende a criação de redes de conexão entre diferentes espaços a partir de epistemologias situadas, isto é uma prática de diálogo e tradução de conhecimentos entre diferentes comunidades e localizações, contribuindo para a alteração das relações de poder, de significados e corpos, de alteração da realidade. O conhecimento situado, indica que a produção do conhecimento deve estar alicerçada no reconhecimento da nossa situação, a localização onde nos encontramos e da qual partimos - desde logo, o nosso próprio corpo -, e nunca de um “lugar nenhum” transcendente e capaz de uma pretensa “visão infinita” e universalista (HARAWAY, 1988: 581-583).

Partindo da perspectiva da produção de conhecimento de forma situada, o desafio de ir a campo e fomentar a produção de relatos em uma situação de isolamento social nos levou a construir um instrumento que pudesse trazer dados objetivos, mas que convidasse, também, ao compartilhamento de vivências, histórias e sentimentos. Foi construído um questionário, cujas questões, o *layout* e a imagem de capa foram elaboradas de forma cuidadosa, buscando que as respondentes se sentissem acolhidas e que fizesse sentido falar de si, mesmo através de um instrumento virtual.

Dessa forma, a coleta de dados foi realizada através de um questionário *online* dirigido a mulheres brasileiras residentes no Brasil e no exterior. Foram feitas perguntas objetivas e reflexivas, de forma a conhecer marcadores sociais, além de criar um espaço para a construção de narrativas acerca das diferentes realidades vivenciadas nesse momento de pandemia. O questionário foi divulgado no dia 24 de maio de 2020, permanecendo no ar até 7 de junho de 2020 e obtivemos 5.874 respostas de praticamente todos os estados do Brasil e de brasileiras residentes em mais de 20 países.

No percurso metodológico de análise – que se encontra em fase inicial – estamos construindo um caminho hermenêutico comum, crítico e situado, para eleger categorias e trazer à tona, a partir dos dados, novas maneiras de compreender os fenômenos. Cabe ressaltar ainda que a pesquisa segue as determinações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510, de 07 de abril de 2016 que normatizam as condições das pesquisas que envolvem seres humanos, aprovada no CEP com o número CAAE: 31203220.3.0000.5317.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da divulgação da pesquisa, cada participante foi convidada a contar experiências vividas durante a pandemia de COVID-19. Recebemos narrativas que permitem conhecer as repercussões subjetivas de suas vivências durante o recorte de tempo estabelecido. Alguns dados do material já foram analisados e pensados de forma articulada aos marcadores sociais (raça, classe, orientação sexual, maternidade, etc) tanto das participantes quanto das pesquisadoras – e outras análises estão em andamento.

A análise dos dados foi iniciada com um recorte que priorizou as profissionais de saúde. Em reuniões científicas, começamos a nos debruçar sobre esse material, buscando compreendê-lo interpretativamente, isto é, identificando os múltiplos sentidos que atravessam os discursos das participantes do estudo. Este trabalho inicial resultou na produção do primeiro artigo da pesquisa, encaminhado recentemente a um dossiê voltado às produções referentes à pandemia de COVID-19. O artigo de título “A pandemia de COVID-19 narrada por mulheres: o que dizem as profissionais de Saúde?” traz resultados que evidenciam a identificação de múltiplos papéis ocupacionais que, muitas vezes, impossibilitam o autocuidado e geram um contágio psíquico a partir do contato com os pacientes acometidos pela COVID-19, produzindo sofrimento intenso.

De fato, com esse primeiro material produzido, fica evidente a importância da pesquisa e também a necessidade de trazer a discussão dessa pandemia diante de uma perspectiva de gênero. Neste sentido, caminhamos para o rompimento dos silenciamentos, que muitas vezes são ferramentas de manutenção da invisibilização, buscando o rompimento das opressões e violências que se acentuam diante do atual cenário, através da escuta das narrativas das mulheres.

4. CONCLUSÕES

Diante do resultado inesperado de um total de 5.874 respostas fica evidente a necessidade de refletir sobre a pandemia de COVID-19 a partir de um recorte de gênero. Como já mencionado anteriormente, uma pandemia amplia todas as desigualdades pré-existentes na sociedade, mas paradoxalmente, o contexto de crise acaba por dificultar que esse acirramento seja efetivamente olhado e considerado na construção de medidas de enfrentamento (ONU, 2020).

Portanto é fundamental a discussão da pandemia de COVID-19 a partir do olhar da psicologia para diferentes marcadores sociais, dando ênfase às mulheres. O planejamento e a construção de ações de cuidado em saúde mental para esse público específico não podem prescindir de um olhar integral em relação às realidades vividas e suas repercussões subjetivas. Para fazê-lo, é preciso, então, considerar suas narrativas e buscar contemplar suas especificidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante; 2017.

FIGUEIREDO L. C., MINERBO M. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **Jornal de Psicanálise** [internet]. 2006 [acesso em 2020 ago 21]; 39(70), 257-278. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt.

HARAWAY, D. (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, pp. 575-599

MOREIRA D. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2002.

ONU Brasil (2020). **Folha informativa COVID-19**. Acesso em 18 set. 2020. Online. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875